

Sacralização das imagens no Museu do Futebol, São Paulo-SP (2008-2016)^I

Oswaldo Fiorato Junior^{II}

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir relações entre o futebol e a religião. Pensamos que o futebol possa ser parte do fenômeno religioso, pois há inúmeras associações que expressam sua natureza interpretada enquanto sagrada. Analisou-se o Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, pois é uma instituição ligada à preservação da memória desse esporte. Foram analisadas cinco imagens contidas num banco de dados *online*. Destacou-se a ressignificação que a narrativa discursiva do museu adotou com relação às imagens. Procedeu-se com a interpretação das imagens contextualizando sua produção e apreciação dentro deste espaço. Assim, sugeriu-se que elas têm em si uma semelhança, são sacralizadas.

Palavras-chave: Museu do Futebol; Religião; Imagens.

Sacralization of images at the Football Museum, São Paulo-SP (2008-2016)

Abstract: The objective of this work is to discuss relations between football and religion. We think that football can be part of the religious phenomenon, because there are countless associations that express their nature interpreted as sacred. The Football Museum, located in the Pacaembu Stadium, in São Paulo, was analyzed because it is an institution linked to the preservation of the memory of this sport. Five images were analyzed in an online database. It was emphasized the resignification that the discursive narrative of the museum adopted with respect to the images. We proceeded with the interpretation of the images contextualizing their production and appreciation within this space. Thus, it has been suggested that they have in themselves a similarity, are sacralized.

Keywords: Football Museum. Religion. Images

Artigo recebido em 22/01/2019 e aceito em 31/03/2019

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016)

OSVALDO FIORATO JUNIOR

Introdução

O futebol enquanto fenômeno social envolve uma parcela significativa da população mundial. Podemos pensar o próprio dinamismo da sociedade por meio desse fenômeno, funcionado como uma metáfora social.^{III}

Existe um ditado brasileiro, usualmente utilizado em senso comum, que afirma o seguinte: “futebol, política e religião não se discutem”. Longe de concordar com tal afirmativa, pretende-se discutir exatamente a intersecção de dois destes temas, o futebol e a religião.

No meio esportivo, precisamente futebolístico, existem diversas conotações que aspiram ao sentido religioso. Grosso modo, metaforicamente, os clubes profissionais possuem características de deuses. Enquanto os fiéis podem ser identificados por meio dos fãs e torcedores, com níveis de fanatismo mais ou menos exacerbados. Para quase toda religião existe um local sagrado, onde acontecem os ritos e celebrações; neste caso são os estádios, ou modernamente, as arenas. O jogo em si é um grande ritual, no qual cada ação ou símbolo carrega um significado relacionado ao âmbito religioso. Todos ali presentes exercem uma função, sem exceções, jornalistas, seguranças, privada ou pública (policimento), agentes organizadores do evento e demais trabalhadores são tidos nessa perspectiva enquanto laicos auxiliares, pois estão participando do rito não como protagonistas, mas são indispensáveis para o bom andamento do ritual. Já os jogadores têm a imagem mais controversa em relação aos outros, a variação de associações é múltipla, dependendo do contexto, podem ser heróis, até mesmo deuses, tamanha idolatria em certos casos, e ao mesmo tempo, transmutam-se em vilões, dadas atitudes tomadas contrárias à vontade de seus fiéis. Mas funcionam, na maioria das vezes, como oficiantes.

Hoje, muitas instituições desenvolvem ações de preservação, salvaguarda, fruição e pesquisa sobre o universo que envolve o esporte mais praticado em nossos solos.^{IV} Uma delas, destacadamente pela qualidade e inovação com a qual se constituiu, é o Museu do Futebol (MF). Localizado dentro do Estádio do Pacaembu,^V em São Paulo, é uma instituição *sui generis* devido à sua política de acervo e concepção de exposições. Segundo Azevedo e Alfonsi:

Não preso a essa espécie de fetiche por objetos, arquivos e documentos que acompanha a criação desses lugares feitos para guardar e expor memórias – tal como preza a definição clássica de museu –, o MF foi identificado pela imprensa como um “museu sem relíquias” e pela comunidade museológica como um “museu virtual”, para alguns até como “museu sem acervo”, ancorando-se, supostamente, em uma noção restrita que define acervo unicamente por coleções. [...] Com preciosas coleções, tais locais guardam, portanto, ao menos de saída, diferenças em relação às opções iniciais realizadas no MF, cuja aposta foi a de tratar a história do futebol e seus ícones a partir de experiências sensoriais: dos gritos da torcida à prática de um chute.^{VI}

Vejamos que longe de seguir certo padrão museológico, o conceito central do Museu foi a criação de um “Centro de Referência do Futebol Brasileiro - CRFB”. Este projeto está ancorado em três vertentes principais: criação de uma biblioteca e midiateca dentro do espaço físico do museu; desenvolvimento de um banco de dados para consulta na internet; bem como estabelecer uma rede de referências culturais sobre o futebol na cidade de São Paulo.^{VII}

O objetivo da pesquisa realizada neste trabalho é discutir o Museu do Futebol a partir da concepção desse esporte associado a fenômenos religiosos. Seleccionamos este museu, localizado na cidade de São Paulo, por ser um espaço que congrega um farto material neste âmbito, assim como é uma instituição de referência atualmente em relação à memória

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

futebolística. Observamos que foi inaugurado em 2008, quando sua exposição de longa duração passou a ser visitada e os projetos correlacionados começaram a ser executados. Desde sua criação até o presente momento foram feitas algumas inclusões de conteúdos nas suas exposições, de longa ou curta duração, devido novas percepções de seu caráter de inclusão e problematização das práticas esportivas.

Elencamos algumas imagens disponíveis no banco de dados já mencionado, a fim de analisar referências religiosas. As imagens selecionadas podem ser divididas em dois grupos.

O primeiro apresenta imagens que fazem alusão direta a religiões diversas, ou seja, contém elementos de religiões institucionalizadas e/ou religiosidades inseridas no contexto do futebol. No segundo grupo, pretende-se observar imagens que, aparentemente, não traduzem de forma clara o aspecto religioso tradicional. Mas sim, considerando a perspectiva adotada do futebol ser uma metáfora religiosa única, expressa em jogadores embebidos de emoção os heróis supremos do rito.

Ambos os fenômenos, futebol e religião, se encontram na pauta do dia para a contemporaneidade. A pesquisa sobre religiões tem apresentado um maior volume de produções nas últimas décadas, com criação de novos cursos de pós-graduação em Ciências da Religião, caminhando para abandonar o teto confessional da Teologia e firmar-se como campo de conhecimento autônomo. Já quanto ao futebol, salienta-se seu valor para grande parte da população brasileira, que o vivencia no cotidiano, seja superficialmente, ou mais acaloradamente.

Iniciaremos com um breve histórico do MF e suas principais características concernentes à sua proposta museológica e patrimonial. Em seguida, destacaremos uma narrativa constituída em relação ao universo religioso. Para enfim analisar algumas imagens provenientes do banco de dados do referido museu.

O museu do futebol e suas particularidades

O Museu do Futebol, ao lado do Museu da Língua Portuguesa, hoje desativado devido a um incêndio no ano de 2015, foi um projeto executado por meio da Fundação Roberto Marinho, ambos localizados na cidade de São Paulo, angariando um grande investimento financeiro. No caso do primeiro museu, a iniciativa ocorreu por meio da prefeitura e do governo do Estado, firmando uma parceria público-privada, possibilitada pela lei Rouanet.^{VIII} Resultado de tal iniciativa pode ser identificado na ampla utilização de recursos tecnológicos, que priorizou a possibilidade de interatividade dos visitantes com as exposições.^{IX} Por estas duas razões, o MF difere de boa parte dos museus históricos e de artes, pois não foi pensado a partir de uma coleção específica de acervos, sejam tridimensionais, imagéticos ou textuais. Antes, é um museu temático, desenvolvido com o intuito de ser um espaço de memória e valorização deste esporte tão popular no mundo. Atualmente é dirigido pela antropóloga Daniela do Amaral Alfonsi.

Foi precisamente em 2005 que as primeiras reuniões começaram a ser feitas para a viabilização do museu. Nestes primeiros encontros, profissionais de áreas diversas discutiam possibilidades e ações a serem tomadas. Significativo o fato de alguns membros deste agrupamento questionarem a efetividade de nomear a instituição destinada a preservar a memória do futebol brasileiro enquanto “museu”, pois, segundo eles, seria uma associação evidente a “algo morto e depositário de coisas velhas.”^X Possivelmente, a associação de museu com coisas mortas leva em conta a proposta de fazer uma exposição com experiências sensoriais, recorrendo a tecnologias audiovisuais, marcas da modernidade. Se hoje os organizadores do museu defendem uma concepção de museu que extrapola a reunião de acervo materiais, no princípio houve quem, aparentemente em senso comum, identificasse no

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

museu um simples depositário de antiguidades, quase pejorativamente como a frase repetida muitas vezes em discussões de torcedores: “quem vive de passado é museu”. Como se as conquistas atuais dos clubes fossem mais importantes que as antigas.

O espaço para o qual foi escolhido não é meramente ao acaso, dada a enorme importância do Estádio do Pacaembu para o futebol paulista e brasileiro. Símbolo da política nacionalista de Getúlio Vargas durante o Estado Novo, marcou e determinou modos de torcer e apreciar o esporte. Edificado no estilo “*art déco*, com colunas e portão monumentais, foi feito de concreto armado, grande avanço técnico da engenharia na época em que foi construído.”^{XI}

No entanto, hoje é um espaço relativamente ocioso de grande jogos e/ou espetáculos, em vista de todos os grandes clubes paulistas possuírem estádios próprios, mandando suas partidas preferencialmente nesses locais, salvo exceções.^{XII} Também por essa razão, foi escolhido para ambientar o museu. Assim, firma-se enquanto um local de memória, é tombado como patrimônio municipal no ano de 1991 pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP), e em 1998 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT).^{XIII} Ademais, o estádio é o local da manifestação do sagrado no futebol por excelência. Consideramos tal ideia porque o comportamento dentro de um estádio flerta com a transcendência, a experiência de um gol, por exemplo, leva ao delírio em comunhão com seus iguais, outros torcedores, e principalmente com seu deus, o clube. Rosendahl,^{XIV} ao investigar o campo da Geografia e suas relações com as religiões, propôs pesquisas nas quais se possa perceber a influência da fé na consituição de paisagens e espaços pela ação do homem. Se existe uma concepção de sacralidade em determinados espaços, ela se faz possível pela oposição com o profano, que não é o sagrado. Por exemplo, a violência verbal que existe fora dos estádios entre torcedores – tão comum –, dentro desse espaço assume outra característica, já que “as vulgaridades que se dizem e ouvem nos estádios exprimem na verdade uma faceta do religioso.”^{XV} Pois lá tem outra função. O sujeito comum, em seu cotidiano pode reprimir tais práticas, mas inserido no contexto desse local é motivado tanto por seus pares torcedores, como pelo êxtase de um momento excepcional, a proferir tais palavras, com intuito de favorecer o clube ou desprezar o adversário. Do mesmo modo, vestir-se com a camisa do clube é fundamental nos estádios, é incomum torcedores frequentarem os jogos sem estarem devidamente trajados.

De acordo com Eliade,^{XVI} a presença do sagrado está dissolvida no mundo contemporâneo: “O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo”. Outra experiência visível nesses espaços é o êxtase. “Com métodos diferentes, em momentos variáveis, em locais distintos, em intensidades flutuantes, toda religião leva a certa embriaguez do sagrado, à loucura do sagrado de que falava o apóstolo Paulo.”^{XVII}

A possibilidade de construção do MF se deve às novas concepções de patrimônio e museu emergentes nas últimas décadas. Se por um lado, representa uma novidade no cenário museológico, de outro, é inegável que ainda persistem certos preconceitos, assim como críticas, ao seu modelo. Segundo Azevedo e Alfonsi: “sem dúvida, o tema gerador, o futebol (assunto menor?), e a utilização maciça de recursos tecnológicos contribuem para sua condição um tanto inclassificável no âmbito dos museus. Afinal, qual é seu acervo?”^{XVIII} Trata-se de um noção de acervo intangível; em toda a exposição há pouquíssimas peças tridimensionais com valor histórico reconhecido pela comunidade futebolística. Podemos apenas citar uma chuteira usada por Pelé, e algumas réplicas de bolas de futebol usadas nas Copas do Mundo. Na visão das autoras, é uma instituição ímpar, portanto. A maior parte das

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

salas expositivas contém reproduções de vídeos, áudios, imagens ampliadas, projeções holográficas. Boa parte passível de interação com o público. A exposição difere da política da maior parte dos espaços de memória ligados ao futebol, a maioria de caráter privado e pertencentes aos clubes, que expõem acervos históricos para seus visitantes. Esta é uma questão importante, pois se hoje temos acesso largamente ao material contido no MF via Internet, TV e rádio, como atrair o público para este espaço? É justamente no formato interativo que está a aposta dessa instituição, ressignificando esses elementos para os torcedores. Inclusive pelo aspecto religioso, como veremos adiante.

Em um levantamento sobre o público desse museu e seu comportamento, podemos pensar pontos relevantes para os fins deste artigo. Grande parte dos visitantes tendem a comparecer ao museu fazendo uso de camisetas de seus clubes de coração, tal qual acontece quando se dirigem aos estádios, ou mesmo assistem a partidas em suas residências, situação que pode ser “interpretada como um momento ritualizado e de celebração do esporte.”^{XIX} O mesmo é observável no futebol, pois é o jogo em si um ritual; ao ir ao museu, o visitante tende a procurar elementos de seu time, ou seu deus, criar identificações e apropriações criativas.

Se pensarmos em como se dá a escolha por um time de futebol, teremos que “assim como em qualquer religião os fiéis estão unidos por sua história sagrada, feita de personagens e episódios conhecidos por todos, os torcedores de um clube se sentem unidos por um destino comum [...]”^{XX} Após ter feito a escolha de torcer por um determinado clube de futebol, é incomum que seja desfeita em algum momento da vida. Em contrapartida, hodiernamente, os indivíduos transmitem de relacionamentos afetivos, de trabalho, até mesmo de religião com muito menos trauma do que outrora. O torcer é ação, geralmente, realizada em comunhão de várias gerações. O MF recebe visitantes de várias faixas etárias na mesma proporção, é um dado significativo para pensar o futebol intrinsecamente conexo ao cotidiano do rito futebolístico, mobilizando pessoas de todas as idades.^{XXI}

Para tornar possível toda proposta do MF, foi criado um banco de dados capaz de dar suporte às expectativas. Isto é, proporcionar “um centro de pesquisas e de documentação que referenciasse aquilo que se pode denominar por indicadores de memória do futebol brasileiro.”^{XXII} Para os autores, este banco de dados é uma ferramenta única no universo museal. Se considerar que o fenômeno futebol envolve uma grande parcela de patrimônio imaterial, o museu tentou reunir o máximo possível desses elementos. Sem, contudo, hierarquizar-los, pondo no mesmo horizonte tipologias diferentes de acervos, priorizando o tema, futebol, na contramão dos bancos de dados tradicionais de outros museus. O recorte proposto foi a cidade de São Paulo, com metodologia etnográfica, a pesquisa de campo realizada por pesquisadores ligados ao museu reuniu um farto material, composto por mais de 150 relatos orais, aproximadamente 1.000 fotografias, como também alcançou mais de 70 horas de entrevistas devidamente gravadas.

O projeto do museu também teve por missão congrega acervos de outras instituições de pesquisa e memória. De modo a introduzir nas suas bases, respeitando as referências devidas, fontes inseridas em plataformas *online* outras, para ampliar as possibilidades de pesquisa num grande “Centro de Referência do Futebol Brasileiro” (CRFB). Tendo em vista essas circunstâncias, podemos ter acesso às imagens que serão discutidas adiante. São fotografias produzidas por autores diferentes, em eventos e contextos múltiplos, em tempos e locais distintos. Entretanto, possuem em comum a característica do futebol ser o tema central, diluído na interpretação que o ambienta no universo sagrado religioso.

Narrativas no museu do futebol

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

Após feitas as considerações iniciais sobre o MF, focaremos agora em algumas fotografias presentes no banco de dados da instituição. Considerando, ainda, a narrativa criada pelo museu.

O MF assumiu desde sua construção a proposta de experiência sensorial, transpassando a noção corrente de um museu (local com acervos e coleções). É interessante observar a disposição da própria estrutura física para ingressar ao museu: logo no *hall* de entrada, intitulado de “Grande Área”, o visitante acessa a exposição de longa duração por uma escada rolante, abandonando o mundo profano e ascendendo ao mundo dos deuses, heróis, mitos, ritos e histórias sagradas.

Dentro do espaço expositivo, existem três eixos definidos de antemão. O primeiro diz respeito à noção de emoção. O segundo está ligado à história do futebol, enquanto o último relaciona-se à diversão. No primeiro momento se encontram as salas destinadas ao torcedor e sua paixão. Destacamos a sala “Anjos Barrocos”, que possui imagens de grandes jogadores brasileiros penduradas no teto, assim, há nesse espaço uma associação clara com a representação religiosa. Outra sala altamente atrativa é a “Exaltação”, onde cantos de torcidas são reproduzidos em um ambiente que tenta aproximar a experiência de um estádio durante uma partida. Propositivamente, o teto de algumas salas fora mantido na forma original das arquibancadas, configurando um elo genuíno entre lugar e tema, nada mais apropriado para um museu que se destina ao futebol.^{XXIII}

Há um percurso definido, pré-estabelecido para os visitantes. De certa maneira a instituição induz ao seu público uma experiência que intenta ser lúdica e educativa na mesma instância. O espaço se divide entre a diversão, na interatividade, com um discurso mesmo ufanista, no sentido de exaltar o futebol enquanto cultura reveladora do caráter nacional. Postos lado a lado, grandes jogadores e artistas reconhecidos, entre poetas, músicos e literatos, aludem ao esporte intrinsecamente interconectado à História do Brasil. Neste âmbito, o discurso do MF pode ser problematizado. A *designer* Meliande avalia: “o museu do século XXI se aproxima do museu do século XIX ao se apresentar como formulador e legitimador da identidade nacional. A grande diferença entre eles está no tipo de acervo.”^{XXIV} Contrariando toda a proposta de inovação do MF no ramo museológico, a reverberação do conceito de identidade nacional não deixa de estar presente. A aposta na utilização de novas mídias digitais e suportes tecnológicos (ambos de alto investimento financeiro) ainda não são a garantia exclusiva de um museu realmente problematizador, que insere nas suas pautas pontos emblemáticos e espinhosos, tal qual o lugar do negro e o racismo no futebol, a mulher para além do simples registro de sua prática, o enorme desnivelamento social e a exploração de jogadores de baixo rendimento. Tudo isso sem entrar na seara de outros tantos problemas históricos, as negociações políticas e ideológicas que moldaram regras e campeonatos, os desenvolvimentos táticos e sua historicidade, a relação entre mídia e futebol. Este último, por sinal, seria caro ao MF, dado que são as Organizações Globo, por meio da Fundação Roberto Marinho, que deram condições à execução do projeto. Como detentora da transmissão dos maiores campeonatos, há tempos com exclusividade, é perceptível que o desfrute de todo o vasto acervo do museu está relacionado à posse dos direitos autorais dos mesmos pela emissora.^{XXV} De fato, ocorre uma ressignificação de todo esse material para se tornar atrativo para o público. Longe de postular uma neutralidade, a instituição se firmou paralelamente como referência na pesquisa sobre futebol, dispondo de já mencionado acervo adquirido junto a outros centros.

Se existe uma intenção subjacente na narrativa expográfica do museu, por outro lado, não podemos desvincular as apropriações extremamente criativas elaboradas por aqueles que a consomem. Kossoy^{XXVI} discute a recepção de imagens mediada por filtros de interpretação, isto é, o sujeito percebe uma fotografia com seu repertório cultural. Sentimentos e emoções

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

influem no seu cognitivo, há uma interação perante a imagem, projetando, ou retroprojetando, os acontecimentos representados. Fazem ecos na memória, formam e deformam conceitos, adentram nos desejos e fantasias. Ora, para o torcedor de futebol, embebido de toda sua paixão e sentimentalismo, por vezes exacerbados, há ressonância na ideia de leitura filtrada e identitária. Seu olhar, tendencialmente, se verterá ao seu clube de coração (e adoração). Todavia, o torcedor rival possivelmente se portará diante das imagens do opositor com depreciação.

Um exemplo retirado de uma pesquisa de identificação do perfil dos visitantes do museu sugere prontamente o quão inventivas e enviesadas podem ser as apropriações do espaço. Foi observado que a noção temporal se distinguia da relação espaço-tempo do mundo exterior, o museu situado numa concepção particular, possui suas regras próprias, em oposição ao profano. Como ressaltam Azevedo e Alfonsi:

Com isso presencia-se durante a visitação muita gente conversando, além de manifestações contundentes de emoção: ajoelhar-se diante de uma imagem (quase que santificada), assistir repetidamente ao mesmo lance, ficar com os olhos marejados ou sorrir e balançar a cabeça, como que rememorando internamente alguma situação vivida.^{XXVII}

Além disso, é recorrente a busca de eternização de memória por seus visitantes. O museu recebe uma quantidade significativa de mensagens, sejam críticas, sugestões, intenções de doação ou “correções da história”. Muitos indicam falhas em textos e dados, reivindicam maior espaço ao seu clube, e postulam a necessidade de inclusão de uma ou outra memória específica de algum personagem histórico não contemplado na exposição. Impossível seria atender a todas, pois são conflitantes muitas vezes, dada a rivalidade inerente do esporte.

Analisaremos agora algumas imagens do acervo do MF, disponível no site do museu. Com efeito, dividimos as imagens em duas categorias. As primeiras revelam um contexto o qual está relacionado às religiões institucionalizadas. Dado que o jogo de futebol é um rito, a presença de elementos de outras religiões, sejam cristãs, orientais, africanas são ressignificadas para o futebol.

Figura 1. Altar religioso com flâmula do Corinthians.



Fonte: Museu do Futebol/autor: desconhecido

Vejamos o altar da imagem acima (Figura 1): é perceptível uma porção de ídolos e imagens de variados santos, deuses e entidades oriundos de uma gama de religiões. Estão presentes: Buda, Virgem Maria, São Jorge,^{XXVIII} Ganesha (o elefante), Krishna, entre outras, e

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

ao fundo a bandeira do Corinthians. A mescla faz sentido para o futebol, na medida em que são forças somadas ao intento de um sucesso ritual. Segundo informações da fotografia no banco de dados do MF:

A imagem faz parte de um ensaio sobre a paixão de mulheres por seus times, expressas através do fanatismo e colecionismo. São torcedoras de diferentes bairros do Rio de Janeiro que incluem o futebol no seu dia a dia com coleções de cacarecos, decorações e cores meticulosamente escolhidas para que uma vez reunidas, mesmo que supersticiosamente, colaborem com um placar favorável para o clube.^{XXIX}

De enquadramento horizontal, o autor possivelmente tentou captar o altar na sua amplitude, permitindo ao leitor da imagem perceber a beleza da coloração que se mostra extremamente rica em diversidade, denotando ainda mais a mistura religiosa e étnica que a torcedora, ao configurar o altar, realizou. A referência da imagem não traz o nome de seu autor, mas podemos refletir sobre suas motivações, pois intenta representar a realidade de mulheres aficionadas pelo futebol, a fim de ser exposta ao público. Devido ao fato de ser um esporte altamente masculinizado no senso comum, possivelmente a finalidade esperada é retratar o quanto é importante para as mulheres este esporte em suas vidas. Adiante esta ideia será retomada.

A cultura material, importante como fonte para o historiador, permite pensar como essas peças têm enorme importância num ato abstrato que é o torcer. Pois para muitos torcedores, alguns determinados objetos possuem poder manifesto de consagrar uma vitória, ou mesmo a conquista de um campeonato. Por exemplo, o uso de determinados amuletos e vestimentas durante os jogos, seguindo rigorosa ritualização. Isolados de interpretação, esses artefatos não podem emitir significado algum. Como afirma Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, “para traçar e explicar as biografias dos objetos é necessário examiná-los em ‘situação’, nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte.”^{XXX} Na Figura 1, todas aquelas esculturas foram dotadas de um sentido próprio e único, aliadas num altar altamente simbólico. Precisamos também compreender que a imagem faz alusão aos artefatos, cumprindo o papel de documentá-los, sem, contudo, deixar de ser uma forma de linguagem e fonte documental.

Os ritos são passados de gestualidades e símbolos remetentes ao sagrado. Não obstante, há pesquisadores que entendem estes atos enquanto superstições, como Daolio:

Os exemplos dessas práticas supersticiosas são inúmeros e podem ser constatados através da imprensa ou nos estádios de futebol. Os jogadores rezam antes do jogo, os torcedores fazem promessas em caso de vitória do seu time, pais-de-santo são “convocados” nos jogos decisivos, alguns técnicos só se vestem com uma determinada cor, os jogadores, após a conquista de um título, fazem peregrinação a alguma igreja cuja padroeira “ajudou” o time.^{XXXI}

Como resultado de pesquisa, o autor constatou que jogadores profissionais brasileiros têm invariavelmente alguma atitude supersticiosa. Para os torcedores não é muito diferente, como é o caso da Figura 2, na qual uma pessoa segura um terço em suas mãos para garantir a vitória do seu time, neste caso, a seleção brasileira de futebol. Todavia, como o futebol está repleto de sentimentalismos e emoções, existem certas práticas, geralmente dirigidas a divindades de religiões institucionalizadas,^{XXXII} que sob a ótica de quem as realiza são eficientes. A superstição só pode ser atribuída segundo a ortodoxia de cada religião, e como não há um conjunto de ideias rígidas no futebol nesse sentido, o que se denomina superstição pode ser interpretado como gestos e costumes dentro do rito para estimular a boa sorte.^{XXXIII}

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

Para Burke,^{xxxiv} as imagens sagradas têm quatro principais funções: são objeto de culto, servem para meditação, são armas para controvérsias (polemizam) e ainda doutrinam. O fotógrafo, dentro do rito, exerce a função de laico auxiliar, é um intruso, ou melhor, suas lentes o são. Condições materiais e imateriais influem no resultado de seu trabalho, como tecnologias disponíveis, dependendo do momento histórico, e questões de ordem psicológica, ideológica e social, referentes à sua experiência e bagagem. Procede com o recorte de um assunto – neste caso, todos estão dialogando com o tema futebol – para após transformar esse recorte, fragmentado no espaço e congelado no tempo, numa representação por meio da materialização documental.^{xxxv}

A figura 2 foca nas mãos de uma torcedora em primeiro plano; ao fundo, outras mãos, em gesto semelhante ao de um crente numa oração, neste contexto remetem à apreensão. O amuleto de sorte materializa-se nessa foto, um terço, objeto tradicionalmente utilizado no universo cristão, no estádio de futebol tem outro sentido. As cores verde e amarelo, predominantes, sugerem ainda a ideia de uma religiosidade essencialmente nacional. Pois quando se trata de seleção brasileira, praticamente todos os torcedores rivais, devotos de deuses sempre em contenda, somam forças no propósito desta equipe, daí uma representação simbólica extremamente singular.

As duas primeiras imagens fazem parte de proposta do museu em incluir a paixão do futebol sentida pelas mulheres. Na perspectiva do museu, as mulheres não são menos fanáticas, pois acompanham seus clubes de coração em meio às torcidas organizadas, frequentam os estádios, constroem altares, atribuem simbolismos em seus corpos e casas. Luludi Melo é uma das onze fotógrafas que organizaram uma exposição itinerante denominada “As Donas da Bola”; hoje está devidamente registrada no banco de dados do MF, uma vez que já esteve presente na exposição temporária. Também gerou a publicação de um livro homônimo. Por sinal, a mulher é um lugar comum no conjunto artístico da autora. Já realizou outras exposições com o caráter de denúncia da violência sofrida por mulheres. Atualmente trabalha no jornal “O Estado de São Paulo”, possivelmente registra eventos diversos, entre eles, o futebol. Por sua atuação um tanto ativista, compreende-se seu enfoque justamente nas mãos femininas em meio a um estádio com milhares de pessoas, das quais, muito provavelmente, a preponderância era masculina.

Figura 2. Detalhe das mãos das torcedoras do Brasil



Fonte: Museu do Futebol/autor: Luludi Melo

A imagem seguinte (Figura 3) é um registro de um jogo disputado no Mundial de 2014, realizado no Brasil. O grupo D do torneio foi considerado o mais difícil. Composto por Espanha, Itália, Uruguai e Costa Rica, pela primeira vez três seleções campeãs do mundo se

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

encontraram na primeira fase. Todavia, a imprevisibilidade dos resultados do futebol é um dos fatores para tanta emoção envolvida. Em comparação a outros esportes, o futebol é o que apresenta maior número de resultados não cogitados. Outro aspecto interessante diz respeito à quantidade de gols nos minutos finais de cada partida, são maiores comparativamente aos gols durante a maior parte do jogo.

Na imagem, os jogadores italianos aparentam uma mescla de inconformismo e ausência de responsabilidade. Andrea Pirlo, à direita da imagem, oficiante experiente e acostumado a grandes rituais, parece desviar o olhar do fotógrafo, o qual registra a cena do ponto de vista dos costariquenhos, demonstrando despreocupação. Enquanto seu companheiro perplexo olha para o horizonte, a atenção se volta toda ao oficiante Umaña, elevando aos céus suas mãos e seu olhar, convidando o visitante a elevar sua visão. As alturas são buscadas em agradecimento pelo sucesso ritual ou do sacrifício realizado com primor.

O sacrifício acontece quando um oficiante manipula e engana seus adversários, rompendo os limites do gramado, leva a bola para fora do espaço consagrado. Quando isso acontece, muitas vezes implica em êxtase dos fiéis; por vezes, os oficiantes se contagiam com essa energia. Nesses instantes eufóricos abre-se grande oportunidade para os laicos auxiliares captarem o momento excepcional.

Burke^{XXXVI} sugere a existência de uma cumplicidade implícita entre fotógrafo e fotografado. Os jogadores de futebol têm consciência de sua alta exposição midiática, suas imagens são exploradas em ações de *marketing*, em programas esportivos e mesmo por *paparazzis*, sedentos de qualquer registro da intimidade dos atletas. Principalmente no tocante aos grandes eventos, como a Copa do Mundo, que envolve cifras na casa dos milhões, gerando altos índices de audiência para as redes televisivas. Os jogadores muitas vezes recorrem intencionalmente às lentes fotográficas nos momentos de maior importância, gols e celebrações de conquistas. Desse modo, procedem com formas de auto-representação de suas imagens.

Figura 3. Costa Rica se classifica em primeiro no Grupo D da Copa de 2014



Fonte: Museu do Futebol/autor: Ronaldo Schemidt - AFP GettyImages

Nessas consagrações, é comum os jogadores realizarem gestos que sugerem a elevação ao céu. O agradecimento de Umaña deve-se ao resultado do ritual ter sido positivo, quando havia uma grande possibilidade de não o ser. Sua imagem contrasta com seu companheiro extenuado depois de todos os esforços empreendidos para o sucesso do rito. Esgotamento de uns, revigoramento de outros. Segundo uma pesquisa na Copa do Mundo de 1994, realizada ao final das partidas, os torcedores da seleção vencedora apresentavam número de testosterona em maior grau do que os derrotados.^{XXXVII}

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

O autor da foto, Ronaldo Schemidt, não é um fotógrafo unicamente especializado no registro de eventos esportivos; pelo contrário, seus temas são variados socialmente. Grandes manifestações, realidades sociais de pobreza e miséria, cotidiano de centros urbanos, até mesmo cenários de guerra fazem parte da sua produção distribuída *online*, seja em redes sociais ou em bancos de imagens, como a *GettyImages*.^{XXXVIII} Suas motivações são comerciais, é um fotógrafo profissional e com percepção para captar momentos únicos, como a imagem acima, que destaca sua personagem principal num enquadramento que a coloca justamente no “ponto de ouro”^{XXXIX} da foto. Aliás, praticamente todas as imagens aqui analisadas possuem esse traço, os fotógrafos usam bem essa estratégia.

Semelhantemente, Mike Fiala, autor da próxima foto (Figura 4), com temáticas múltiplas, razões comerciais e foco aguçado para registrar o choro da jogadora brasileira como atração principal, consegue mostrar uma ocasião especial do futebol, a consagração pós-vitória. A figura 4 remete a outro mundial, realizado nos EUA, em 1999, de futebol feminino. Esta imagem esteve presente no museu por meio da exposição temporária “Visibilidade para o Futebol Feminino”. O embate foi travado entre Noruega e Brasil, valendo o terceiro lugar da competição. O jogo foi dramático, vencido nas penalidades - o sacrifício mais cruel de todos. Formiga, jogadora brasileira, comemora juntamente a Maravilha, goleira do time, após ter feito o gol que sacramentou o êxito brasileiro.

Figura 4. Maravilha abraça Formiga após vitória sobre a Noruega, 1999



Fonte: Museu do Futebol/autor: Mike Fiala - AFP GettyImages

A exposição nasceu da necessidade de se dedicar maior espaço para a presença feminina no esporte. Pois no Brasil, se posto em perspectiva comparada a outras realidades, como Europa e Estados Unidos, é perceptível uma precariedade maior no futebol feminino. Além do desinteresse da mídia e pouquíssimo investimento dos clubes de futebol, são raros os casos de clubes formadores de equipes para o futebol profissional; o futebol feminino sofre, ainda, com a possibilidade de ter suas atividades findadas. Nos Estados Unidos, culturalmente, o futebol feminino teve mais adesão. Nas escolas e universidades, a prática do *soccer* é predominante entre as mulheres, os homens tendem a se interessar pelo futebol americano.^{XL}

Recentemente, a ex-presidente Dilma Rousseff anunciou uma Medida Provisória para renegociação de dívidas com os clubes brasileiros. Entre umas das condições impostas, os clubes deveriam destinar, obrigatoriamente, uma parcela de seus rendimentos para o futebol feminino, assim como garantir a permanência das atividades das equipes. De acordo com o Museu do Futebol:

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

Por mais de quatro décadas, as mulheres foram oficialmente proibidas de jogar bola. Tudo começou com um Decreto-Lei em 1941, durante o Estado Novo, que proibiu a prática de esportes ‘incompatíveis com as condições de sua natureza’. [...] O Museu do Futebol incluiu grande parte do material pesquisado no acervo de sua exposição principal: é na exposição de longa duração que a instituição acredita que essa história deve aparecer ao público pela primeira vez desde a sua inauguração em 2008.^{XL1}

Os deuses preferidos e eleitos pela grande mídia e pelo capital são predominantemente masculinos. Assim como na maior da parte das religiões institucionalizadas, os altos dirigentes são homens. Mas as mulheres exercem papéis primordiais e insubstituíveis.^{XLII} Como toda religião, o futebol também une e desune, integra e desintegra socialmente.^{XLIII}

Para uma seleção que jamais havia ganhado um mundial, a terceira colocação representa uma grande conquista, celebrada com fervor. Recebendo o abraço de gratidão de sua companheira, Formiga grita aos céus.

Apesar do recente e recorrente apoio ao futebol feminino, o MF já foi alvo de críticas acadêmicas por não ter o inserido desde seu princípio aos moldes desejados. Moraes^{XLIV} argumenta que as mulheres foram retratadas inicialmente ocupando um espaço secundário, em vista da exaltação dos grandes heróis do futebol, ou mesmo como mera curiosidade, a exemplo de um registro do primeiro jogo entre mulheres num campo de bola. A autora segue questionando os motivos que levam a camuflar, ou anular, a história feminina neste espaço. Uma razão possível é relacionada ao corpo. Pois há, supostamente, um padrão imposto socialmente. A mulher está para a imagem feminina, recatada e delicada, assim como o homem, para a ideia de corpos fortes e rudes, sugerindo uma violência quase explícita do jogo. Apesar disso, o MF tem realizado ações para atender a essas reivindicações, valorizando e abrindo espaço cada vez maior para a realidade do futebol feminino. Incluiu em diversas salas, na exposição de longa duração, várias referências nesse sentido, amenizando a proeminência masculina.

A imagem seguinte (Figura 5) proporciona a percepção da contradição entre as múltiplas imagens que representam os jogadores. Pelé, considerado o rei do futebol pelos brasileiros, reconhecido internacionalmente, declarou certa vez que seria mais conhecido do que Jesus Cristo.^{XLV} Em muitas ocasiões foi comparado a um deus. Pelé aparece como personagem principal na cena, no centro, com a cabeça elevada aos céus, parece gritar, despejar emoção. Até mesmo sua mão direita, encostada ao abdômen, sugere posição de agradecimento ao ritual positivo. O Brasil vencera a Suécia em seu próprio território; ao fundo o oponente parece não acreditar, olha atônito para o “rei”. Cabe notar que a torcida mais ao fundo indica grande presença de público, todos muitos próximos, aparentemente em silêncio, em luto, que também é um ritual religioso. Ajoelhado com uma perna mais à frente do que outra, sugere a ideia de movimento. Pelé parece estar cumprindo seu destino, uma profecia, como grande esperança do povo brasileiro, que esperava desde 1930 para ser campeão mundial. Ao mesmo tempo, a foto eterniza o atleta. Garrincha, o “Anjo das Pernas Tortas”, ainda precisa conter a euforia do jogador.

Figura 5. Pelé e Garrincha comemoram na Copa de 1958

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016)
OSVALDO FIORATO JUNIOR



Fonte: Museu do Futebol/autor: desconhecido

A semelhança entre as imagens 3, 4 e 5 é notória pelo destaque das personagens centrais, que foram aquelas que consumaram o sacrifício, nem sempre tão bem aceito, a exemplo dos suecos e italianos. De certo modo, existe um lugar comum nessas fotografias de comemorações de gols e/ou conquistas, pois ao expressarem seu triunfo ritual, estão, mesmo que inconscientemente, construindo uma imagem que se tornará pública e possivelmente explorada em fins midiáticos futuramente. Igualmente, os fotógrafos de futebol têm um olhar bastante perspicaz e treinado a captar esses momentos de grande euforia. Formam-se códigos convencionais de imagens do mundo esportivo.

Apesar de todas serem relativas ao mundial, encontram-se em salas distintas no Museu do Futebol. Dada a magistral carga simbólica de Pelé e Garrincha, simbolizam uma geração no futebol, receberam em homenagem uma sala exclusiva que leva o nome dos jogadores. São, em certo aspecto, responsáveis pelo saudosismo exacerbado com as seleções do passado, especialmente Pelé, o maior de todos.

Por ser em preto e branco, a foto é uma representação que sugere marcas de outros tempos. Se a qualidade da década de 1950 está muito distante da atual, a função e o destino da imagem são praticamente os mesmos, sua publicização. Seja em jornais ou revistas, como neste caso, ou em mídias eletrônicas, em correspondência a atualidade. Não constam referências que identifiquem seu autor, mas é sabido que muito provavelmente era um fotógrafo estabelecido às beiras do gramado com a finalidade de registrar aquilo que ainda não era transmitido via televisão em tempo real. Centenas de fotógrafos perfilavam-se em busca de registros imagéticos, os quais seriam distribuídos aos quatro cantos, devido ao fato de um evento como esse gerar interesse global. O resultado de uma partida, ou era conhecido via rádio, para aqueles que possuíam esse equipamento, ou somente no dia seguinte por meio dos periódicos. O poder de uma fotografia neste tempo possivelmente era distinto, senão relativamente em maior grau que hoje, já que a visualização de vídeos dos jogos atuais, em dezenas de ângulos e perspectivas, nos mínimos detalhes, é amplamente acessível.

Dada as intenções de seu autor, percebe-se que sempre houve manipulação desvelada nas imagens. A fotografia em preto e branco, para além das questões técnicas, pode ser relacionada com a bipolaridade em disputa. O cineasta Stanley Kubrick utilizou bem este recurso no filme *Dr. Strangelove* (1964),^{XLVI} caracterizando o embate da Guerra Fria.

No caso do futebol, é em relação aos clubes e suas torcidas que observamos o fator antagonismo. Torcer contra é tão importante como torcer a favor, como também, sentir prazer pela dor alheia é indício de um sadomasoquismo, como observou Franco Júnior.^{XLVII} Se

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

pensarmos o conceito de identidade em relação aos torcedores de futebol, podemos extrair um bom exemplo de conflito. Como assegura Stuart Hall,^{XLVIII} a identidade na pós-modernidade se tornou descentrada, múltipla e transitória. Por outro lado, no futebol ela tende a ser mais perene e menos maleável. Uma vez que é bem difícil que algum torcedor transite de identidade para com outro clube, mesmo que seja possível que sua identificação possa ser mais ou menos aflorada em determinadas circunstâncias. A rivalidade existente entre torcidas de futebol favorece o sentimento identitário do que é ser um corinthiano, um flamenguista, um santista etc. Santos acrescenta ainda que as identidades são afloradas perante a existência do outro, pois são relacionais, “são nos momentos de crise, de instabilidade, de insegurança que as identidades culturais preferencialmente se manifestam e se afirmam.”^{XLIX} Sem a existência do outro e do conflito, o futebol não haveria sentido.

Em acréscimo, o êxtase experimentado pelos fiéis é fundamental no cerne do fenômeno do futebol enquanto metáfora religiosa. São os torcedores que consomem o produto jornalístico, que se interessam pelo cotidiano dos clubes e seus pormenores, assinam revistas dedicadas exclusivamente ao esporte, interagem nas redes sociais com jogadores e outros torcedores, se digladiam em guerra simbólica, ou real, e, na maioria dos casos, são eles que visitam o Museu do Futebol, em busca de encontrar ali uma expansão dos sentimentos acalorados que o futebol alimenta.

Em suma, no conjunto das imagens encontramos elementos em comum e discrepantes. As três últimas aparentemente não teriam relação alguma com esferas da religiosidade, mas com a proposição já alegada, as interpretamos na ótica do futebol como religião em si. Enquanto que no primeiro grupo, existe a interiorização e ressignificação de símbolos religiosos pré-estabelecidos. Fotografias são representações, foram feitas com o propósito de representar a realidade que se fez aos olhos do fotógrafo, condicionadas por fatores múltiplos. Esta situação é como uma primeira realidade. Ao passo que sua materialização, divulgação e/ou exposição, e posteriormente todas as apropriações que são feitas estão para uma segunda realidade.^L

Considerações finais

Consideramos que o universo que envolve o futebol tem dimensões consideravelmente remetentes ao religioso, como se tem proposto por meio da metáfora social. Não alheio a essa circunstância, o MF se apropria dessa configuração para construção do seu espaço e sua narrativa.

Há algumas circunstâncias que circunscrevem esse horizonte. O fato do museu estar dentro de um estádio de futebol, que é um local sagrado; também o discurso apresentado em algumas salas, como “Anjos Barrocos”; a escolha do museu em expor determinadas imagens e o modo que alguns visitantes as apreciam, ajoelhando-se diante de imagens, ressignificando noções de tempo e espaço, ajudam a perceber como essa aura foi construída pelo museu e apropriada pelo público.

Nem menina dos olhos museológicos, nem miscelânea de frivolidades. O Museu do Futebol é um espaço de memória, sacralizado por seus visitantes, como também pelo discurso produzido por seus idealizadores. Já que pensamos esse fenômeno num universo do religioso.

Notas

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

^I Uma parte deste artigo já foi publicada nos Anais do "VI Encontro Nacional dos Estudos da Imagem, III Encontro Internacional dos Estudos da Imagem", sob o título "Entre a religiosidade e a superstição: Museu do Futebol e suas imagens sacralizadas". Aqui estas reflexões são ampliadas e pormenorizadas.

^{II} Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Londrina.

^{III} FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura, Sociedade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

^{IV} Como por exemplo o Museu Brasileiro do Futebol (MBF), localizado no Estádio do Mineirão (MG), o Museu da Confederação Brasileira de Futebol, localizado na sede da instituição, no Rio de Janeiro, e o Museu do Povo, que fica na Arena Corinthians, em São Paulo.

^V O nome oficial é Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, foi construído pelo governo Getúlio Vargas, inaugurado em 1940.

^{VI} AZEVEDO, Clara de Assunção; ALFONSI, Daniela do Amaral. Entre fios e pavios ou das coleções às referências culturais: a experiência do museu do futebol. In: MARQUES, José Carlos; GOULART, Jefferson Oliveira (Org.). *Futebol, comunicação e cultura*. São Paulo: Intercom, 2012. p. 53-84. p. 55-57.

^{VII} Ibidem.

^{VIII} A Lei Federal de Incentivo à cultura, popularmente conhecida como lei Rouanet, foi criada durante a gestão do ex-presidente Fernando Collor de Mello. Tem a intenção de apoiar e financiar projetos culturais.

^{IX} AZEVEDO; ALFONSI, 2012.

^X Ibidem, p. 54.

^{XI} MELIANDE, Clara de Souza Rocha. *Design à mostra: o projeto de museus temáticos*. 2013. 200f. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. p. 114.

^{XII} Por vezes, os chamados grandes, Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos jogam no Pacaembu por motivos de punição, uso dos estádios próprios para shows, ou busca de maior renda e público, no caso do último mencionado.

^{XIII} AZEVEDO, Clara de Assunção; ALFONSI, Daniela do Amaral. "A patrimonialização do futebol: notas sobre o museu do futebol". *Revista de História*, n. 163, São Paulo, 2010, p. 275-292. p. 283.

^{XIV} ROSENDAHL, Zeny. "Geografia e religião". *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 20, n. 1, Porto Alegre, 1995, p. 96-99. p. 98.

^{XV} FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 286.

^{XVI} ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Tradução de Rogério Fernandes. p. 17-18.

^{XVII} FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 285.

^{XVIII} AZEVEDO; ALFONSI, 2010, p. 279.

^{XIX} Ibidem p. 283.

^{XX} FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 264.

^{XXI} AZEVEDO; ALFONSI, 2010, p. 284.

^{XXII} ALFONSI, Daniela do Amaral; SANT'ANNA, Pedro Felipe Rodrigues. Balançando a rede: concepção do banco de dados do Museu do Futebol. In: SEMINÁRIO SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS, 2., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. p. 169-182. p. 170.

^{XXIII} MELIANDE, op. cit., p. 115.

^{XXIV} Ibidem.

^{XXV} Ibidem.

^{XXVI} KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: _____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 19-60. p. 44-45.

^{XXVII} AZEVEDO; ALFONSI, 2010, p. 289.

^{XXVIII} Este Santo é considerado o padroeiro oficial do Sport Club Corinthians Paulista.

^{XXIX} ALTAR RELIGIOSO...

^{XXX} MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. "Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público". *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, Rio de Janeiro, 1998, p. 89-103. p. 92.

^{XXXI} DAOLIO, Jocimar. Dente de alho, galho de arruda... crenças e superstições no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 127-135. p. 129.

^{XXXII} Por religiões institucionalizadas, nos apropriamos de Danner (2018, p. 86) para defini-la. São "aquelas religiões calcadas na institucionalização do credo, que passa a ser legitimado a partir de procedimentos internos a essas instituições".

^{XXXIII} FRANCO JÚNIOR, op. cit., p. 296.

^{XXXIV} BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004.

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016) OSVALDO FIORATO JUNIOR

XXXV KOSSOY, op. cit., p. 19-60.

XXXVI BURKE, op. cit.

XXXVII FRANCO JÚNIOR, op. cit.

XXXVIII Esse banco de dados tem sede nos Estados Unidos e sua proposta é disponibilizar fotos para profissionais de mercado e mídia. O Museu do Futebol em sua proposta de reunir acervos de origens diversas, faz uso largamente deste recurso.

XXXIX No jargão fotográfico diz respeito aos quatro pontos da regra dos terços, traçando duas linhas horizontais e verticais na imagem; a intersecção das quatro linhas revela os pontos de ouro, ou seja, é onde se encontram os elementos que o autor quer destacar.

XL A palavra soccer é utilizada nos EUA para se referir ao futebol conhecido mundialmente, enquanto que o futebol americano é um termo brasileiro para definir o *Football* dos EUA, outro esporte praticado nesse país, muito mais popular por lá.

XLI VISIBILIDADE...

XLII A perspectiva apresentada nesse trabalho dialoga com o futebol profissional de alto rendimento. A imagem religiosa, contudo, também pode ser visualizada no futebol amador e/ou de várzea. A maior parte do futebol profissional se mantém mal estruturada, há uma discrepância enorme em relação aos jogadores de alto nível e os demais, comumente em situação de pobreza e exploração.

XLIII LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Tradução de Alfredo Barcelos Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1983.

XLIV MORAES, Enny. “O Museu do Futebol e uma História Parcial: ou não há futebol feminino no Brasil?” *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 2, n. 1, Rio de Janeiro, 2009, p. 1-5.

XLV FUTEBOL..., 2005

XLVI O filme foi traduzido para o Brasil como Dr. Fantástico.

XLVII FRANCO JÚNIOR, op. cit.

XLVIII HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005. p. 7-22.

XLIX SANTOS, Luciano dos. “As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas”. *Rascunhos Culturais*, v. 2, n. 4, Coxim, 2010, p. 141-157. p. 149.

L KOSSOY, op. cit.

Referências Bibliográficas

ALFONSI, Daniela do Amaral; SANT'ANNA, Pedro Felipe Rodrigues. Balançando a rede: concepção do banco de dados do Museu do Futebol. In: SEMINÁRIO SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM MUSEUS, 2., 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. p. 169-182.

AZEVEDO, Clara de Assunção; ALFONSI, Daniela do Amaral. “A patrimonialização do futebol: notas sobre o museu do futebol”. *Revista de História*, n. 163, São Paulo, 2010, p. 275-292. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19179/21242>. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____, Clara de Assunção; _____, Daniela do Amaral. Entre fios e pavios ou das coleções às referências culturais: a experiência do museu do futebol. In: MARQUES, José Carlos; GOULART, Jefferson Oliveira (Org.). *Futebol, comunicação e cultura*. São Paulo: Intercom, 2012. p. 53-84.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004.

DANNER, Leno Francisco. Religiões institucionalizadas e universalistas e o mundo contemporâneo: quatro desafios – reflexões a partir da Igreja Católica. *Estudos de Religião*, v. 32, n. 1, São Paulo, 2018. p. 85-120 Disponível em:

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016)
OSVALDO FIORATO JUNIOR

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/7085/6232>.

Acesso em: 25 abr. 2018.

DAOLIO, Jocimar. Dente de alho, galho de arruda... crenças e superstições no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 127-135.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Tradução de Rogério Fernandes.

FUTEBOL: Pelé reafirma ser mais famoso que Jesus Cristo. *Folha de São Paulo*, 2005. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0111200514.htm>. Acesso em: 15 maio 2018.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura, Sociedade*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, 2005. p. 7-22.

KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: _____. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p. 19-60.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Tradução de Alfredo Barcelos Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MELIANDE, Clara de Souza Rocha. *Design à mostra: o projeto de museus temáticos*. 2013. 200f. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_7950bcd72f39608f6dc460b96f4c54f6. Acesso em: 27 abr. 2018.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público”. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, Rio de Janeiro, 1998, p. 89-103. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view%20File/2067/1206>. Acesso em: 19 maio 2018.

MORAES, Enny. “O Museu do Futebol e uma História Parcial: ou não há futebol feminino no Brasil?” *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 2, n. 1, Rio de Janeiro, 2009, p. 1-5. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/770/711>. Acesso em: 16 maio 2018.

ALTAR religioso com flamula do Corinthians. *Museu do Futebol*. Disponível em: <http://dados.museudofutebol.org.br/2d#/tipo:acervo/632124>, [Altar religioso com flamula do Corinthians](http://dados.museudofutebol.org.br/2d#/tipo:acervo/632124). Acesso em: 15 maio 2018.

SACRALIZAÇÃO DAS IMAGENS NO MUSEU DO FUTEBOL, SÃO PAULO-SP (2008-2016)
OSVALDO FIORATO JUNIOR

VISIBILIDADE para o futebol feminino. *Museu do Futebol*. Disponível em: <http://dados.museudofutebol.org.br/2d#/tipo:eventos/612628,Visibilidade para o Futebol Feminino>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ROSENDAHL, Zeny. “Geografia e religião”. *Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 20, n. 1, Porto Alegre, 1995, p. 96-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38184/24567>. Acesso em: 17 maio 2018.

SANTOS, Luciano dos. “As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas”. *Rascunhos Culturais*, v. 2, n. 4, Coxim, 2010, p. 141-157. Disponível em: <http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/06/Rascunhos-Culturais-V2-N4.pdf>. Acesso em: 21 maio 2018.

Fontes:

Museu do Futebol: <http://dados.museudofutebol.org.br/2d#/filtro:467662,Fotografia>